

# LONGA CAMINHADA ATÉ A LIBERDADE

---

A autobiografia de  
**NELSON  
MANDELA**

---

Tradução  
Paulo Roberto Maciel Santos



**ALTA BOOKS**  
EDITORA  
Rio de Janeiro, 2020

CAP. DE AMOSTRA

*Parte Um*

---

**UMA INFÂNCIA  
NO INTERIOR**

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

# 1

FORA A VIDA, um temperamento forte e uma conexão permanente com a casa real de Thembu, o único presente que meu pai me deu quando nasci foi um nome, Rolihlahla. Em Xhosa, Rolihlahla significa literalmente “arrancando o galho de uma árvore”, mas coloquialmente, o significado mais preciso seria “encrenqueiro”. Não acredito que nomes são destinos ou que meu pai, de alguma forma, previa o meu futuro, mas anos mais tarde, amigos e parentes atribuíriam ao meu nome de nascença as muitas tempestades que tenho ao mesmo tempo causado e enfrentado. Meu nome mais conhecido em Inglês não me foi dado até o meu primeiro dia de aula. Mas estou me precipitando.

Nasci no dia dezoito de julho de 1918, em Mvezo, uma pequena aldeia às margens do rio Mbashe no distrito de Umtata, a capital do Transkei. O ano do meu nascimento marcou o fim da Primeira Guerra Mundial, o início de uma epidemia de febre espanhola que matou milhões de pessoas em todo o mundo, e a visita de uma delegação do Congresso Nacional Africano à Conferência de Paz, em Versalhes, para dar voz às queixas do povo africano da África do Sul. Mvezo, entretanto, era um lugar à parte, uma área distrital minúscula longe do mundo dos grandes eventos, onde a vida era vivida como vinha sendo por centenas de anos.

O Transkei fica a quase 1.300 quilômetros ao leste da Cidade do Cabo, quase novecentos quilômetros ao sul de Johannesburgo, e está entre o rio Kei e a divisa com Natal, entre as montanhas acidentadas de Drakensberg ao norte e as águas azuis do Oceano Índico ao leste. É uma terra linda de colinas, vales férteis e milhares de rios e riachos, que mantêm a paisagem verde mesmo durante o inverno. O Transkei era um dos maiores territórios dentro da África do Sul, cobrindo uma área do tamanho da Suíça, com uma população de cerca de três milhões e meio

de Xhosa e uma pequena minoria de Basothos e europeus. Ele é o lar do povo Thembu, que é parte da nação Xhosa, da qual sou membro.

Meu pai, Gadla Henry Mphakanyiswa, era um chefe tribal tanto por sangue como por tradição. Ele foi confirmado como chefe dos Mvezo pelo rei da tribo Thembu, mas sob o domínio britânico, sua indicação tinha que ser ratificada pelo governo, que em Mvezo assumia a forma de um magistrado local. Como um chefe designado pelo governo, ele tinha direito a um estipêndio assim como a uma porção dos impostos que o governo arrecadava na comunidade pela vacinação de gado e pastagens comunitárias. Apesar de o papel do chefe ser venerável e respeitado, ele havia, setenta e cinco anos atrás, se tornado degradado pelo controle de um governo branco e antipático.

A tribo Thembu se originou há vinte gerações com o rei Zwide. Segundo a tradição, o povo Thembu vivia nos sopés das montanhas Drakensberg e migrou em direção à costa no século XVI, onde foram incorporados pela nação Xhosa. Os Xhosa são parte do povo Nguni, que tem vivido calado e pescando na região rica e temperada do sudeste da África do Sul, entre o grande planalto interior ao norte e o Oceano Índico ao sul, desde pelo menos o século XI. Os Nguni podem ser divididos entre um grupo do norte – os povos Zulu e Swazi – e um grupo do sul, que é composto dos amaBaca, amaBomyana, amaGcaleka, amaMfengu, amaMpodomis, amaMpondo, abeSotho e abeThembu e juntos formam a nação Xhosa.

Os Xhosa são um povo orgulhoso e patrilinear com uma linguagem expressiva e eufônica e uma crença ferrenha na importância das leis, da educação e de boas maneiras. A sociedade Xhosa era uma ordem social equilibrada e harmoniosa, na qual cada indivíduo sabia qual era o seu lugar. Cada Xhosa pertence a um clã que traça suas origens até um antepassado específico. Sou um membro do clã Madiba, batizado em homenagem a um chefe Thembu que governou no Transkei, no século XVIII. Sou frequentemente chamado de Madiba, o nome do meu clã, em uma demonstração de respeito.

Ngubengcuka, um dos maiores monarcas, que uniu a tribo Thembu, morreu em 1832. Como era de costume, ele tinha esposas pertencentes às principais casas reais: a Casa Principal, da qual o herdeiro é selecionado, a Casa do Braço Direito e a casa de Ixhiba, uma casa menor à qual alguns se referem como a Casa do Braço Esquerdo. Era função dos filhos da casa de Ixhiba, ou Casa do Braço Esquerdo, arbitrar disputas da casa real. Mthikrakra, o filho mais velho da Casa Principal, sucedeu Ngubengcuka e entre seus filhos estavam Ngangelizwe e Matanzima. Sabata, que governou os Thembu, a partir de 1954, era o neto de Ngangelizwe e superior hierárquico de Kalzer Daliwonga, mais conhecido como K. D. Matanzima, o ex-ministro chefe do Transkei – meu sobrinho, por lei e por tradição – que era descendente de Matanzima. O filho mais velho da casa Ixhiba era Simakade, cujo irmão mais novo era Mandela, meu avô.

Apesar de, durante décadas, muitas histórias terem sido contadas de que eu estava na linha de sucessão ao trono Thembu, a genealogia simples que acabei de delinear expõe aquelas histórias como sendo um mito. Apesar de ter sido membro da casa real, eu não estava entre os poucos privilegiados que foram educados para governar. Em vez disso, como descendente da casa de Ixhiba, fui preparado, como meu pai antes de mim, para aconselhar os governantes da tribo.

Meu pai era um homem alto e de pele escura, com uma postura imponente, que gosto de acreditar que herdei dele. Ele tinha um tufo de cabelos grisalhos bem acima da testa e, quando garoto, eu pegava cinzas brancas e passava no meu cabelo, imitando-o. Meu pai tinha modos severos e não deixava de lado a vara quando disciplinava seus filhos. Às vezes ele era excessivamente teimoso, outro traço que desafortunadamente pode ter sido passado de pai para filho.

Frequentemente, referem-se a meu pai como o primeiro-ministro de Thembuland, durante os reinos de Dalindyebo, o pai de Sabata, que governou no início do século XX, e do seu filho Jongintaba, que o sucedeu. Essa é uma denominação errônea, pois tal título não existe, mas o papel que ele exercia não era diferente daquele que a designação

implica. Como conselheiro respeitado e valioso a ambos os reis, ele os acompanhou em suas viagens e normalmente encontrava-se ao seu lado durante reuniões importantes com representantes de governo. Ele era um guardião reconhecido da história dos Xhosa, e era por essa razão, em particular, que ele era valorizado como conselheiro. O meu próprio interesse em história tinha raízes antigas e foi incentivado pelo meu pai. Apesar de meu pai não saber nem ler nem escrever, ele tinha uma reputação de ser um excelente orador que cativava suas audiências, entreteendo-as e também as ensinando. Anos mais tarde, descobri que meu pai não era apenas um conselheiro de reis, mas também um fazedor de reis. Depois da morte inesperada de Jongilizwe, na década de 20, Sabata, o filho que teve com a Esposa Principal, era jovem demais para ascender ao trono. Surgiu uma disputa sobre qual dos filhos mais velhos de outras mães – Jongintaba, Dabulamanzi e Melithafa – devia ser selecionado para sucedê-lo. Meu pai foi consultado e recomendou Jongintaba, pela razão de ele ser o mais preparado. Jongintaba, ele argumentou, não apenas seria um ótimo guardião da coroa, mas um excelente mentor para o jovem príncipe. Meu pai e alguns chefes influentes tinham um grande respeito pela educação que frequentemente está presente naqueles que têm pouca educação formal. A recomendação foi polêmica, porque a mãe de Jongintaba era de uma casa menos importante, mas a escolha de meu pai acabou sendo aceita tanto pelos Thembu como pelo governo britânico. Com o passar do tempo, Jongintaba retribuiria o favor de uma maneira que meu pai não podia imaginar até então.

Meu pai teve quatro esposas, a terceira das quais, minha mãe, Nosekeni Fanny, filha de Nkedama, do clã dos amaMpemvu dos Xhosa, pertencia à Casa da Mão Direita. Cada uma dessas esposas – a Esposa Principal, a esposa da Mão Direita (minha mãe), a esposa da Mão Esquerda e a esposa oriunda da Iqadi ou casa de apoio tinha seu próprio *kraal*. Um *kraal* era uma propriedade rural e normalmente incluía um cercado simples para animais, campos para cultivo e uma ou duas choupanas. Os *kraals* das esposas do meu pai estavam separados por muitos quilômetros

e ele se deslocava entre eles. Nessas viagens, meu pai gerou treze filhos ao todo, quatro meninos e nove meninas. Sou o filho mais velho da Casa da Mão Direita, e o mais novo dos quatro filhos homens de meu pai. Tenho três irmãs, Baliwe, que era a filha mais velha, Notancu e Makhutswana. Apesar de o filho mais velho de meu pai ser Mlahlwa, seu herdeiro como chefe foi Daligqili, o filho da Casa Principal, que morreu no início da década de 30. Todos os seus filhos, com exceção de mim, já faleceram, e todos eles estavam acima de mim não apenas em idade, mas também em *status* social.

Quando eu não era mais que um recém-nascido, meu pai se envolveu em uma disputa que o privou de sua posição de chefe em Mvezo e revelou um traço em seu caráter que acredito que ele passou para o seu filho. Defendo que é a criação e não a natureza que molda primariamente a personalidade, mas meu pai possuía uma rebeldia orgulhosa, um sentimento teimoso de imparcialidade, que reconheço em mim mesmo. Como chefe – ou líder, como era frequentemente conhecido entre os homens brancos – meu pai era forçado a prestar contas pela sua administração não apenas para o rei Thembu, mas também para o magistrado local. Um dia, um dos súditos de meu pai registrou uma queixa contra ele envolvendo um boi que havia se extraviado de seu dono. O magistrado conseqüentemente enviou uma mensagem ordenando que meu pai comparecesse diante dele. Quando meu pai recebeu a intimação, ele enviou a seguinte resposta: “*Andizi ndisaqula*” (eu não irei, ainda estou me cingindo para a batalha). Não se desafiava magistrados naquela época. Tal comportamento seria visto como o auge da insolência – e nesse caso era.

A resposta de meu pai pressagiava sua crença que o magistrado não tinha poder legítimo sobre ele. No que dizia respeito a assuntos tribais, ele não se guiava pelas leis do rei da Inglaterra, mas pela tradição Thembu. Esse desafio não era um ataque de ressentimento, mas uma questão de princípio. Ele estava enfatizando sua prerrogativa tradicional como chefe tribal e estava desafiando a autoridade do magistrado.

Quando o magistrado recebeu a resposta de meu pai, ele imediatamente o acusou de insubordinação. Não houve inquérito ou investigação; reservados para funcionários públicos brancos. O magistrado simplesmente depôs o meu pai, encerrando assim a liderança tribal da família Mandela.

Eu não sabia desses eventos na época, mas não deixei de ser afetado por eles. Meu pai, que fazia parte da nobreza rica, pelos padrões de seu tempo, perdeu sua fortuna e seu título. Ele foi privado da maior parte de seu rebanho e terras, e da renda advinda deles. Por causa de nossa situação financeira precária, minha mãe se mudou para Qunu, uma aldeia um pouco maior, ao norte de Mvezo, onde ela teria o apoio de amigos e parentes. Vivemos em um estilo mais modesto em Qunu, mas foi nessa aldeia perto de Umtata que passei os anos mais felizes de minha infância e é de onde eu tenho minhas lembranças mais precoces.

## 2

A ALDEIA DE QUNU se situava em um vale estreito repleto de campinas, cortado por riachos de águas cristalinas e rodeado de colinas verdejantes. Ela consistia em não mais do que algumas centenas de pessoas que viviam em choupanas, que eram estruturas em forma de colmeia, com paredes de barro, com um poste de madeira no centro, sustentando um teto de palha. O chão era feito de domos triturados de formigueiros, que eram mantidos lisos passando-se esterco fresco de vaca. A fumaça da lareira saía pelo teto, e a única abertura era uma passagem baixa que obrigava àqueles que quisessem entrar a curvarem o corpo para atravessá-la. As choupanas eram geralmente agrupadas em uma área residencial que ficava a certa distância do labirinto de pastagens. Não havia estradas, apenas caminhos cortados nos campos pelos pés descalços de meninos e mulheres. As mulheres e as crianças da aldeia vestiam mantos tingidos

de ocre; apenas os poucos cristãos na aldeia usavam roupas de estilo ocidental. Gado, ovelhas, cabras e cavalos pastavam juntos em pastagens comuns. As terras ao redor de Qunu eram na maior parte desprovidas de árvores, com exceção de um agrupamento de choupos em uma colina com vista para a aldeia. Essas terras eram propriedade do estado. Com pouquíssimas exceções. Na época, os africanos não desfrutavam de títulos de propriedade de terra, na África do Sul, no entanto eram inquilinos pagando aluguel anual ao governo. Na área, havia duas pequenas escolas de Ensino Fundamental, um armazém e um tanque usado para dar banho no gado para livrá-lo de carrapatos e doenças.

Milho (que chamávamos de *mealies*), sorgo, feijão e abóbora formavam a maior porção de nossa dieta, não por causa de alguma preferência herdada por esses alimentos, mas porque as pessoas não tinham condições de comprar nada mais nutritivo. As famílias mais abastadas em nossa aldeia suplementavam suas dietas com chá, café e açúcar, mas para a maioria das pessoas em Qunu esses eram luxos exóticos, que estavam muito além de suas posses. A água usada para a agricultura, para cozinhar e para lavar tinha que ser trazida com baldes de riachos e fontes. Esse era um trabalho para mulheres, e de fato, Qunu era uma aldeia de mulheres e crianças: a maior parte dos homens passava a maior parte do ano trabalhando em fazendas distantes ou nas minas, ao longo do Reef, a serra rochosa, rica em ouro e ardósia, que constitui a divisa sul de Johannesburgo. Eles retornavam talvez duas vezes por ano, principalmente para arar seus campos. A capinação e a colheita eram deixadas para as mulheres e crianças. Pouquíssimas pessoas na aldeia sabiam ler e escrever, e o conceito de educação ainda era estranho a muitas delas.

A minha mãe era responsável por três choupanas, em Qunu, as quais, lembro-me bem, estavam sempre cheias de bebês e crianças dos meus parentes. Na verdade, não me lembro de nenhuma ocasião ter ficado sozinho quando era criança. Na cultura africana, os filhos e as filhas dos tios ou tias de alguém são considerados seus irmãos e irmãs, e não primos. Não fazemos as mesmas distinções entre os parentes como fazem

os homens brancos. Não temos meios-irmãos nem meias-irmãs. A irmã de minha mãe é minha mãe; o filho de meu tio é meu irmão; o filho ou filha de meu irmão é meu filho ou minha filha.

Das três choupanas de minha mãe, uma era usada para cozinhar, uma para dormir, e uma para armazenagem. Na choupana em que dormíamos, não havia móveis no sentido ocidental. Dormíamos em esteiras e nos sentávamos no chão. Não conheci travesseiros até ir para Mqhekezweni. Minha mãe cozinhava a comida em uma panela de tripé sobre uma fogueira no centro da choupana, ou fora dela. Tudo o que comíamos era nós mesmos que fazíamos ou cultivávamos. Minha mãe plantava e colhia o seu milho. O milho era colhido dos campos quando estava duro e seco. Ele era armazenado em sacas ou buracos cavados no solo. Quando preparavam o milho, as mulheres utilizavam métodos diferentes. Elas podiam tanto moer os grãos entre duas pedras para fazer pão, ou ferver o milho antes, produzindo *umphothulo* (farinha de milho consumida com coalhada) ou *umngqusho* (mingau de milho, algumas vezes puro ou misturado com feijão). Diferentemente do milho, que às vezes escasseava, o leite de nossas vacas era sempre abundante.

Desde cedo, eu passava a maior parte do meu tempo livre no *veld*\* brincando e lutando com os outros meninos da aldeia. Um menino que ficasse em casa agarrado ao avental da mãe era visto como um maricas. À noite, eu compartilhava minha comida e meu cobertor com esses mesmos meninos. Eu não tinha mais de cinco anos de idade quando me tornei um pastor, cuidando das ovelhas e bezerros nos campos. Descobri a ligação quase mística que os Xhosa têm com o gado, não apenas como fonte de comida e riqueza, mas como uma bênção de Deus e uma fonte de felicidade. Foi nos campos que aprendi a derrubar aves do ar usando um estilingue, a juntar mel selvagem e frutas e raízes comestíveis, a beber leite morno e doce diretamente do ubre de uma vaca, a nadar nos riachos límpidos de água gelada, e apanhar peixes usando barbante e pedaços

---

\**Veld* – Campos abertos compostos de arbustos e árvores esparsas, característicos de partes da África do Sul; tipo de savana (N. do T).

afiados de arame. Aprendi a lutar com cajados – conhecimento essencial para qualquer garoto africano do interior – e me tornei bastante hábil nas várias técnicas como desviar golpes, simular um ataque em uma direção e então atingir de outra, escapar de um oponente movimentando os pés rapidamente. É desses dias que eu remonto o meu amor pelo *veld*, pelos espaços abertos, pelas belezas simples da natureza, pela linha límpida do horizonte.

Quando meninos, nós éramos deixados na maior parte do tempo fazendo o que quiséssemos. Brincávamos com brinquedos que nós mesmos fazíamos. Moldávamos animais e aves com barro. Fazíamos trenós puxados por bois com galhos de árvores. A natureza era o nosso parque de diversões. As colinas acima de Qunu eram salpicadas de pedras grandes e lisas que nós transformávamos em nossa montanha-russa. Sentávamos nas pedras achatadas e escorregávamos pela face das pedras grandes. Nós fazíamos isso até que nossos traseiros ficassem tão doloridos que mal conseguíamos sentar. Aprendi a cavalgar sobre bezerros desmamados – depois de ter sido jogado no chão várias vezes, pega-se o jeito da coisa.

Um dia, aprendi minha lição com um burro indisciplinado. Nós estávamos nos revezando em subir e descer de seu lombo e quando chegou a minha vez eu pulei sobre as costas do burro e ele saiu em disparada em direção a um espinheiro. Ele inclinou a cabeça, tentando me desalojar, o que acabou fazendo, mas não antes de os espinhos me arranharem o rosto, me fazendo passar vergonha diante de meus amigos. Como os povos do Oriente, os africanos têm um sentimento altamente desenvolvido de dignidade, ou o que os chineses chamam de “prestígio”. Eu havia perdido o prestígio entre meus amigos. Mesmo tendo sido um burro a me derrubar, aprendi que para humilhar uma pessoa basta fazê-la sofrer um destino desnecessariamente cruel. Mesmo quando garoto, eu derrotava meus oponentes sem desonrá-los.

Os garotos normalmente brincavam entre si, mas algumas vezes permitíamos que nossas irmãs se juntassem a nós. Meninos e meninas

faziam brincadeiras como *ndize* (esconde-esconde) e *icekwa* (pega-pega). Mas o jogo que eu mais gostava de brincar com as meninas era o que nós chamávamos de *khetha*, ou escolha aquele que você gosta. Essa não era uma brincadeira cheia de regras, mas um esporte espontâneo que acontecia quando nós encurralávamos um grupo de meninas de nossa idade e exigíamos que cada uma escolhesse o menino de quem gostava. Nossas regras ditavam que a escolha da menina seria respeitada e uma vez que ela tivesse escolhido o seu favorito, ela estava livre para continuar sua jornada, escoltada pelo garoto felizado de quem gostava. Mas as meninas eram bem ágeis mentalmente – muito mais espertas do que nós, garotos bobalhões – e frequentemente combinavam entre elas de escolher um menino, normalmente o mais feioso, e então o provocavam durante todo o caminho de volta para casa.

O jogo mais popular para os meninos era *thinti*, e como na maioria dos jogos para meninos, era uma imitação juvenil de guerra. Duas varetas, usadas como alvos, eram fincadas firmemente no chão a uma distância de aproximadamente 30 metros uma da outra. O objetivo do jogo era que cada equipe lançasse varas contra a vareta da oposição para derrubá-la. Cada um de nós defendia nossa vareta e tentava evitar que o outro lado recuperasse as varas que haviam sido lançadas. À medida que crescíamos, organizávamos jogos contra meninos de aldeias vizinhas, e aqueles que se destacavam nessas batalhas fraternas eram muito admirados, como generais que alcançam grandes vitórias na guerra são merecidamente celebrados.

Depois de jogos como esses, eu voltaria para o *kraal* de minha mãe onde ela estava preparando o jantar. Enquanto meu pai contava histórias de batalhas históricas e guerreiros heroicos Xhosa, minha mãe nos encantaria com as lendas e fábulas Xhosa, que haviam sido transmitidas por inúmeras gerações. Essas histórias estimulavam minha imaginação infantil e normalmente continham algum tipo de lição de moral. Lembro-me de uma história que minha mãe nos contou sobre um viajante que foi abordado por uma velha com cataratas horríveis nos olhos. A mulher

pediu ajuda ao viajante, e o homem desviou o olhar. Então outro homem apareceu e foi abordado pela velha. Ela pediu que ele limpasse seus olhos, e mesmo considerando a tarefa desagradável, ele fez o que ela pedia. Então, milagrosamente, as escamas caíram dos olhos da velha e ela se tornou jovem e linda. O homem se casou com ela e se tornou próspero e rico. Essa é uma história simples, mas sua mensagem é duradoura: virtude e generosidade serão recompensadas de maneira que ninguém conhece.

Como todas as crianças Xhosa, adquiri conhecimento principalmente através da observação. Devíamos aprender por meio de imitação e emulação, e não através de questionamentos. Quando visitei pela primeira vez as casas de homens brancos, fiquei espantado pelo número e natureza das perguntas que as crianças faziam a seus pais – e a disposição inabalável dos pais em respondê-las. Em minha casa, as perguntas eram consideradas uma inconveniência, os adultos transmitiam informações quando achavam que era necessário.

A minha vida, como a de muitos Xhosa naquela época, foi moldada pela tradição, rituais e tabus. Este era o alfa e o ômega de nossa existência e seguia inquestionavelmente. Os homens seguiam o caminho traçado para eles por seus pais, as mulheres levavam a mesma vida que suas mães haviam levado antes delas. Sem que me mandassem, logo assimilei as regras complicadas que governavam as relações entre homens e mulheres. Descobri que um homem não deve entrar em uma casa onde uma mulher deu recentemente à luz, e que uma mulher recém-casada não deve entrar no *kraal* de sua nova casa sem uma cerimônia complicada. Também aprendi que negligenciar os seus ancestrais traria má sorte e fracasso na vida. Se você desonrasse seus ancestrais de alguma forma, a única forma de reparar esse lapso era consultar um curandeiro tradicional ou um ancião da tribo, que se comunicava com os ancestrais e expressava os seus profundos pedidos de desculpa. Todas essas crenças pareciam perfeitamente naturais para mim.

Encontrei vários homens brancos quando era garoto em Qunu. O magistrado local, naturalmente, era branco, assim como o dono do

armazém mais próximo. Ocasionalmente, viajantes brancos ou policiais passavam por nossa área. Esses homens brancos pareciam grandes como deuses, para mim, e eu estava ciente de que eles deviam ser tratados com uma mistura de medo e respeito. Mas o seu papel em minha vida era remoto, e eu pouco pensava, quando pensava, sobre os homens brancos em geral ou as relações entre meu próprio povo e essas figuras curiosas e distantes.

A única rivalidade entre clãs ou tribos diferentes em nosso pequeno mundo em Qunu era aquela entre os Xhosa e os amaMfengu, dos quais um pequeno número morava em nossa aldeia. Os amaMfengu chegaram ao Cabo ocidental depois de fugir das forças de Shaka Zulu durante um período conhecido como o iMfecane, a grande onda de batalhas e migrações provocada entre 1820 e 1840 pela ascensão de Shaka e do estado Zulu, durante o qual o guerreiro Zulu buscava conquistar e unir todas as tribos sob um regime militar. Os amaMfengu, que originalmente não eram falantes da língua Xhosa, eram refugiados do iMfecane e eram forçados a realizar tarefas que nenhum outro africano queria fazer. Eles trabalhavam em fazendas pertencentes a homens brancos, algo que era desprezado pelas tribos Xhosa mais tradicionais. Mas os amaMfengu eram um povo trabalhador, e por causa de seu contato com os europeus, eles, muitas vezes, tinham melhor educação e eram mais “Ocidentais” que os outros africanos.

Quando eu era garoto, os amaMfengu eram a seção mais desenvolvida da comunidade e forneciam nossos clérigos, policiais, professores, funcionários e intérpretes. Eles também estavam entre os primeiros a se converterem ao cristianismo, a construir melhores casas e a utilizar métodos científicos na agricultura e também eram mais ricos do que seus compatriotas Xhosa. Eles confirmavam o axioma dos missionários, que ser cristão era o mesmo que ser civilizado, e que para ser civilizado era necessário ser cristão. Ainda havia alguma animosidade em relação aos amaMfengu, mas em retrospecto, eu atribuiria isso mais à inveja do que à animosidade tribal. Essa forma local de tribalismo que observei quando

garoto era relativamente inofensiva. Naquele estágio, eu não testemunhei nem mesmo suspeitei que houvesse rivalidades tribais violentas, que eram subsequentemente promovidas pelos governantes brancos da África do Sul.

Meu pai não aprovava o preconceito local contra os amaMfengu e se tornou amigo de dois irmãos amaMfenga, George e Ben Mbekela. Os irmãos eram uma exceção em Qunu: eles eram educados e cristãos. George, o mais velho, era professor aposentado e Ben era sargento da polícia. Apesar do proselitismo dos irmãos Mbekela, meu pai se mantinha alheio ao cristianismo e em vez disso reservava sua própria fé para o grande espírito dos Xhosa, Qamata, o Deus de seus pais. Meu pai era um sacerdote não oficial e presidia o ritual de sacrifício de cabras e bezeros, celebrava ritos tradicionais em locais que diziam respeito à plantação, colheita, nascimento, casamento, cerimônias de iniciação e funerais. Ele não precisava ser ordenado, pois a religião tradicional dos Xhosa é caracterizada por uma integridade cósmica, então havia poucas distinções entre o sagrado e o secular, entre o natural e o sobrenatural.

Se por um lado a fé dos irmãos Mbekela não afetou meu pai, por outro lado ela inspirou minha mãe, que se converteu ao cristianismo. Na verdade, Fanny era literalmente seu nome cristão, porque ele lhe fora dado na igreja. Foi devido à influência dos irmãos Mbekela que eu fui batizado na Igreja Metodista, ou Igreja Wesleyana, como ela era conhecida, e enviado para a escola. Os irmãos frequentemente me observavam brincando ou cuidando das ovelhas e vinham conversar comigo. Um dia, George Mbekela fez uma visita à minha mãe. “O seu filho é um jovem inteligente”, ele disse. “Ele devia frequentar a escola”. Minha mãe permaneceu em silêncio. Ninguém na minha família havia frequentado a escola, e minha mãe não estava preparada para a sugestão de Mbekela. Mas ela a transmitiu para o meu pai, que apesar de – ou talvez por causa de – sua própria falta de educação formal decidiu imediatamente que seu filho mais novo devia ir para a escola.

A escola consistia de uma única sala, como um teto de estilo ocidental, e localizava-se no outro lado da colina vizinha a Qunu. Eu tinha sete anos

de idade, e no dia anterior ao meu primeiro dia de aula, meu pai me chamou para uma conversa e me disse que eu devia estar apropriadamente vestido para ir à escola. Até aquele momento, eu, como todos os outros meninos em Qunu, havia usado apenas uma manta, que cobria um ombro e era fixada na cintura. Meu pai pegou uma de suas calças e a cortou na altura dos joelhos. Ele me disse para vesti-las, o que fiz, e elas ficaram mais ou menos no comprimento certo, apesar de a cintura ser larga demais. Meu pai pegou então um pedaço de barbante e apertou as calças na cintura. Devo ter sido uma visão cômica, mas nunca possuí um traje que tivesse tanto orgulho em vestir do que as calças cortadas de meu pai.

No primeiro dia de aula, minha professora, Srta. Mdingane, deu a cada um de nós um nome inglês e disse que a partir de então aquele era o nome que deveríamos usar na escola. Essa era a tradição entre os africanos naqueles dias e indubitavelmente devia-se ao viés britânico em nossa educação. A educação que recebi era uma educação britânica, na qual as ideias britânicas, a cultura britânica, as instituições britânicas eram automaticamente entendidas como sendo superiores. A cultura africana não existia.

Os africanos de minha geração – e mesmo de hoje em dia – geralmente têm um nome inglês e um nome africano. Os homens brancos eram incapazes ou não tinham vontade de pronunciar um nome africano, e consideravam que era incivilizado ter um. Naquele dia, a Srta. Mdingane me disse que meu novo nome era Nelson. Por que ela me deu esse nome em particular não faço a mínima ideia. Talvez tivesse algo a ver com o grande almirante britânico Lord Nelson, mas isso seria apenas uma suposição.

### 3

UMA NOITE, quando eu tinha nove anos de idade, vi uma agitação em nossa casa. Meu pai, que revezava visitas às suas esposas e normalmente ficava conosco por talvez uma semana por mês, havia chegado. Mas não era no momento de costume, pois ele não devia chegar senão dentro de alguns dias. Eu o encontrei na choupana de minha mãe, deitado no chão, em meio ao que parecia um ataque interminável de tosse. Mesmo para os meus jovens olhos, estava claro que meu pai não permaneceria neste mundo por muito tempo. Ele estava padecendo de algum tipo de doença nos pulmões, mas ela não havia sido diagnosticada, pois meu pai nunca havia consultado um médico. Ele permaneceu na choupana por vários dias sem se mover ou falar, e então numa noite ele piorou. Minha mãe e a esposa mais jovem de meu pai, Nodayimani, que tinha vindo ficar conosco, estavam cuidando dele, e mais tarde naquela noite ele chamou Nodayimani. “Traga-me meu tabaco” ele disse para ela. Minha mãe e Nodayimani conversaram, e decidiram que não era sensato ele fumar tabaco em seu estado atual. Mas ele persistiu em seus pedidos por tabaco e eventualmente Nodayimani encheu o seu cachimbo, o acendeu, e então o passou para ele. Meu pai fumou e acalmou-se. Ele continuou a fumar durante talvez uma hora, e então, com o cachimbo ainda aceso, ele morreu.

Eu não me lembro ter sentido grande pesar, exceto por um sentimento de separação. Apesar de minha mãe ser o centro da minha existência, era através de meu pai que eu me definia. O falecimento de meu pai mudou minha vida inteira de uma forma que eu não suspeitava naquele momento. Depois de um breve período de luto, minha mãe me comunicou que eu iria embora de Qunu. Eu não lhe perguntei por que ou para onde eu estava indo.

Eu arrumei as poucas coisas que possuía em uma mala, e logo cedo, numa manhã, partimos em uma jornada em direção ao oeste, para a minha nova residência. Lamentei menos pelo meu pai do que pelo mundo que eu estava deixando para trás. Quunu era tudo o que eu conhecia e eu a amava do modo incondicional com que uma criança ama seu primeiro lar. Antes de desaparecermos por detrás das colinas, me virei e olhei para minha aldeia pelo que eu imaginava ser a última vez. Eu vi as choupanas simples e as pessoas com seus afazeres; o riacho onde eu havia mergulhado e brincado com os outros garotos; os milharais e pastagens verdes onde manadas e rebanhos pastavam preguiçosamente. Imaginei meus amigos caçando pequenas aves, bebendo o leite doce do úbere da vaca e se divertindo na lagoa localizada no fim do riacho. Acima de tudo, meus olhos se puseram sobre as três choupanas simples onde eu havia desfrutado o amor e a proteção de minha mãe. Eram a essas três choupanas que eu associava a toda a minha felicidade, à própria vida, e lamentei o fato de que eu não havia beijado cada uma delas antes de partir. Não conseguia imaginar que o futuro em direção ao qual eu caminhava podia se comparar de maneira alguma ao passado que estava deixando para trás.

Viajamos a pé e em silêncio até que o sol estava vagorosamente se pondo no horizonte. Mas o silêncio do coração entre mãe e filho não é solitário. Eu e minha mãe nunca conversamos muito, mas nós não precisávamos. Eu nunca duvidei de seu amor ou questionei o seu apoio. Era uma jornada exaustiva, por estradas pedregosas de terra, colinas acima e abaixo, através de numerosas aldeias, mas não paramos. No final da tarde, no fundo de um vale pouco profundo, rodeado de árvores, encontramos uma aldeia no centro da qual havia uma casa grande e formosa, que superava de tal forma qualquer coisa que eu jamais vira que tudo o que eu conseguia fazer era me maravilhar com ela. A construção consistia de duas *vingxande* (casas retangulares) e sete *rondavels*\* (choupanas superiores) imponentes, todas caiadas de branco,

---

\**Rondavel* é uma edificação arredondada com teto em formato de cone, típica da África do Sul. (N. do T.)

deslumbrantes mesmo à luz do sol poente. Havia um grande jardim em frente, assim como um milharal cercado de pessegueiros podados. Um jardim ainda mais espaçoso se estendia atrás da casa, contendo macieiras, uma horta, um canteiro de flores e um outro de vime. Perto da casa havia uma igreja de estuque branco.

À sombra de dois eucaliptos que adornavam a entrada da frente da casa principal estava sentado um grupo de aproximadamente vinte anciões tribais. Em redor da propriedade, pastando contentemente na terra rica, havia um rebanho de pelo menos cinquenta cabeças de gado e talvez umas quinhentas ovelhas. Tudo estava maravilhosamente bem cuidado, apresentando uma visão de riqueza e ordem muito além da minha imaginação. Este era o Grande Local, Mqhekezweni, a capital provisória de Thembuland, a residência do Chefe Jongintaba Dalindyebo, o regente do povo Thembu.

Enquanto eu contemplava esse esplendor todo, um veículo enorme atravessou rugindo o portão oeste e os homens sentados à sombra imediatamente se levantaram. Eles tiraram seus chapéus e ficaram saltando e gritando, “*Bayete a-a-a, Jongintaba*” (Salve, Jongintaba!), a saudação tradicional dos Xhosa para o seu chefe. Do carro (que depois descobri que esse veículo majestoso era um Ford V8) saiu um homem baixo e atarracado vestindo terno. Eu podia ver que ele tinha a confiança e postura de um homem acostumado ao exercício do poder. Seu nome lhe caía bem, pois Jongintaba significava, literalmente, “Aquele que olha para as montanhas”, e ele era um homem com uma presença vigorosa para o qual todos os olhos se voltavam. Ele tinha uma tez escura e um rosto inteligente, e casualmente apertou as mãos de cada um dos homens sob a árvore, homens que mais tarde fiquei sabendo faziam parte da mais alta corte de justiça dos Thembu. Esse era o regente que se tornaria o meu guardião e benfeitor durante a década seguinte.

Naquele momento de observação de Jongintaba e sua corte me senti como uma árvore nova sendo arrancada da terra e atirada no meio de um rio cuja corrente forte eu não conseguia resistir. Tive uma sensação

de admiração misturada com atordoamento. Até então eu não havia tido pensamentos sobre nada a não ser os meus próprios prazeres, nenhuma ambição maior a não ser comer bem e me tornar um campeão de luta com cajado. Eu não pensava em dinheiro, ou posição social, ou fama, ou poder. De repente, um novo mundo se abriu diante de mim. Crianças de famílias pobres frequentemente se veem distraídas por um grande número de novas tentações quando são confrontadas com grandes riquezas. E eu não fui exceção. Senti muitas de minhas crenças e lealdades estabelecidas começarem a se esvaír. Os frágeis alicerces construídos pelos meus pais começaram a balançar. Naquele instante, vi que a vida poderia significar para mim muito mais do que ser um campeão de luta com cajado.

\* \* \*

Mais tarde descobri que, em seguida à morte de meu pai, Jongintaba havia se oferecido para ser meu guardião. Ele me trataria como tratou seus outros filhos, e eu teria as mesmas vantagens que eles. Minha mãe não teve escolha, não se rejeita tal oferta do regente. Ela ficou feliz que, apesar de saber que sentiria minha falta, eu teria uma educação melhor sob os cuidados do regente do que dela própria. O regente não havia esquecido que era devido à intervenção do meu pai que ele se tornara o chefe principal.

Minha mãe permaneceu em Mqhekezweni por mais alguns dias antes de voltar para Qunu. Nossa despedida foi sem muito estardalhaço. Ela não deu nenhum sermão, nenhuma palavra sábia, nenhum beijo. Suspeito que ela não queria que eu me sentisse abandonado pela sua partida e assim agiu com despreocupação. Eu sabia que meu pai havia desejado que eu fosse educado e preparado para o mundo, e eu não conseguiria isso em Qunu. Seu olhar carinhoso foi toda a afeição e apoio de que eu necessitei, e quando partiu, ela se voltou para mim e disse “*Uqinisufokotho, Kwedini!*” (Se prepare, meu menino!). As crianças são frequentemente as menos sentimentais das criaturas, especialmente se estão absortas com alguma

novidade. No mesmo instante em que minha querida mãe, e primeira amiga, estava partindo, minha cabeça estava num turbilhão só por causa dos prazeres de meu novo lar. Como eu não haveria de estar preparado? Eu já estava vestindo as lindas roupas novas compradas para mim pelo meu guardião.

Logo fui deixado em dia com a vida cotidiana em Mqhekezweni. Uma criança se adapta rapidamente, ou não se adapta mesmo – e eu havia me acostumado ao Grande Local como se tivesse sido criado lá. Para mim, esse era um reino mágico; tudo era lindo; as tarefas que eram entediantes em Qunu tornavam-se uma aventura em Mqhekezweni. Quando eu não estava na escola, era um arador, guia de carroças, um pastor. Cavalguei cavalos e atirei em passarinhos com estilingue e encontrei outros meninos com quem lutar, e em algumas noites dancei a noite inteira embalado pelo belo canto das empregadas Thembu. Apesar de sentir saudades de Qunu e de minha mãe, eu estava completamente absorto em meu novo mundo.

Eu frequentava uma escola de apenas uma sala, localizada ao lado do palácio, e estudava inglês, Xhosa, história e geografia. Líamos o *Chambers English Reader* e fazíamos nossas lições em lousas negras. Nossos professores, o Sr. Fadana, e mais tarde o Sr. Giqwa, se interessaram especialmente por mim. Eu ia bem, na escola, nem tanto pela minha inteligência, mas por causa da minha obstinação. A minha própria autodisciplina foi reforçada pela minha tia Phathiwe, que morava no Grande Local e escrutinava minha lição de casa todas as noites.

Mqhekezweni era uma estação missionária da Igreja Metodista e muito mais atualizada e ocidentalizada do que Qunu. As pessoas vestiam roupas modernas. Os homens vestiam paletós e as mulheres imitavam o estilo severo dos missionários protestantes: saias longas e grossas, blusas de colarinho alto, com um manto colocado sobre os ombros e um lenço elegantemente enrolado na cabeça.

Se o mundo de Mqhekezweni girava em torno do regente, meu mundinho girava em torno de seus dois filhos, Justice, o mais velho, era o seu

único filho homem e herdeiro do Grande Local, e Nomafu era a filha do regente. Eu morava com eles e era tratado exatamente como eles eram tratados. Nós comíamos as mesmas comidas, vestíamos as mesmas roupas, executávamos as mesmas tarefas. Mais tarde, Nxeko, o irmão mais velho de Sabata, o herdeiro do trono, se juntou a nós. Nós quatro formamos um quarteto real. O regente e sua esposa No-England me criaram como se eu fosse seu próprio filho. Eles se preocupavam comigo, me orientavam e me castigavam, tudo dentro de um espírito de justiça amorosa. Jongintaba era severo, mas nunca duvidei de seu amor. Eles me apelidaram de Tatomkhulu, que significa “Vovô”, porque diziam que eu ficava parecendo um velho quando estava muito sério.

Justice era quatro anos mais velho do que eu e se tornou meu primeiro herói, depois de meu pai. Eu o admirava de todas as maneiras. Ele já estava frequentando Clarkebury, um internato que ficava a mais ou menos cem quilômetros de distância. Alto, bonito e musculoso, ele era um ótimo atleta, excelente em atletismo, críquete, rúgbi e futebol. Alegre e sociável, ele era um artista natural que encantava audiências com seu canto e os deixava estupefatos com sua dança de salão. Ele tinha um bando de admiradoras – mas também um círculo de críticos, que o consideravam um dândi e *playboy*. Justice e eu nos tornamos grandes amigos, apesar de sermos o oposto um do outro em muitas formas: ele era extrovertido, eu era introvertido; ele era despreocupado, eu era sério. As coisas aconteciam naturalmente para ele; eu tinha que me esforçar muito. Para mim, ele era tudo o que um jovem deveria ser e tudo o que eu queria ser. Apesar de sermos tratados com igualdade, nossos destinos eram diferentes: Justice herdaria uma das chefias mais poderosas do povo Thembu, enquanto eu herdaria o que quer que o regente, em sua generosidade, decidisse me dar.

Todos os dias eu ficava entrando e saindo da casa do regente fazendo serviços. Das tarefas que eu executava para o regente, a que eu mais gostava era passar seus ternos, um trabalho do qual eu me orgulhava muito. Ele possuía meia dúzia de trajes ao estilo ocidental, e passei muitas